

Revista Elle
Novembro 1993
Por Claudia
Visioni

Guto Lacaz **Um Biruta em Órbita**

Ele parece ter saído por engano de um gibi ou de uma comédia dos Três Patetas. Mas este personagem excêntrico, que virou gênio na base do “quanto mais idiota melhor”, garante que existe de verdade. Ainda bem!

Entre suas obras, brinquedos, desenhos e badulaques, Guto Lacaz brinca de equilibrar um cone de papel. À esquerda, a instalação aquática “Auditório para Questões Delicadas” e, à direita, a instalação elétrica Abajur Branco.

"O mercado de aranhas anda ruim. Agora os camelôs só vendem walkman", reclama o impossível Guto Lacaz. Foi por isso que ele deixou de frequentar festas de colunáveis com os bolsos cheios de réplicas em plástico do peçonhento animal. Sorte das assustáveis luluzinhas, diria a colunista e grande amiga Joyce Pascowitch, ela mesma contemplada com uma performance aracnídea em seu aniversário.

Sentimos muito pela escassez de aranhas, Guto. E, você leitora, seja bem-vinda ao universo nonsense de Carlos Augusto Martins Lacaz, 45 anos, um dos artistas plásticos mais festejados do país, que caiu no gosto dos críticos e do povo (coisa rara). Hoje ele é reconhecido nas ruas até por crianças e pacatas donas de casa. Motivo: embora ele não goste da comparação, Guto é o mais perfeito Professor Pardal em carne e osso de que se tem notícia. Já inventou cabide com rodinhas, rádios que pescam, lata de óleo equipada com radar que detecta a presença de saladas, aparelho de limpar escovas de dente equipado com micromotor de popa, entre muitas outras esquisitices.

"Sou um humorista plástico", ele aceita o rótulo. O quartel-general lacaziano fica no subsolo de um prédio na movimentada Rua Pamplona, nos Jardins, em São Paulo. O lugar é um enorme e detonado salão, com decoração no estilo raio X: dezenas de prateleiras deixam tudo à mostra. Mais parece uma oficina mecânica de fundo de quintal. Pregos, parafusos, naves espaciais, revólveres de brinquedo, livros, roupas, computador, bonecos e eletrodomésticos aos pedaços (a matéria-prima favorita) se misturam às obras do artista. Onde encontrar a edição em espanhol de março de 1954 da revista americana Mecânica Popular? E um giroscópio (espécie de pião high tech)? E um kit para montar da Enterprise (nave do seriado Jornada nas Estrelas)? Estamos no endereço certo,

- Aqui entra faxineira?

- Entra sim, mas antes eu dou um treinamento para elas.

Além de ateliê, o espaço é também residência desde que ele se separou da professora de inglês Marisa e voltou a ser single. Mais detalhes sobre o assunto, impossível arrancar: ele repele imediatamente o clima de consultório sentimental.

O fato é que o lar carece de instalações adequadas - como, por exemplo, uma cama - e do que os filmes americanos de antigamente chamariam de "toque feminino". Ou seja,

luminárias, tapetes, almofadas, cortina, florzinhas na janela (embora lá nem janela tenha ...). O único habitante, entretanto, parece nem perceber esses detalhes.

Guto olha fixo para uma parede entulhada de cacarecos e vai recitando: "A arte apareceu na minha vida porque não consegui realizar o sonho de trabalhar como arquiteto. Foi para isso que eu estudei, era isso o que eu queria. Mas tentei de todas as formas um emprego e nenhum escritório me quis. Aí, fui fazendo uns desenhos aqui, outros ali ...".

Sentamos, ele conta sua história enquanto termina de fazer uma cirurgia plástica na zebra que se acidentou ao cair da prateleira. E, quando o assunto é traumas de infância, Woody Allen que se cuide. Guto era tímido, branquelo, um desastre nos esportes e com as garotas, repetiu de ano três vezes e se sentia uma criatura de outro planeta. "Meu passatempo preferido era serrar madeira, não ia à praia por vergonha e fui obrigado a engolir livros tão chatos na escola que peguei aversão à leitura."

Mas, felizmente, um dia tudo mudou: "Nos anos 70, entrei na Faculdade de Arquitetura, em São José dos Campos (interior de São Paulo), morei em república e foi aquele desbunde. Lá, encontrei meu ecossistema: tinha um monte de gente igual ou pior que eu", diz.

A verdadeira redenção do ego, no entanto, só foi acontecer 1978. Ele inscreveu seu impagável *Crushfixo* na 1ª Mostra do Móvel e do Objeto Inusitado e – que beleza! – ganhou o prêmio. A obra era uma garrafa de Crush (alô, ju ventude: este é o nome de um refrigerante alaranjado que não se fabrica mais) imobilizada numa moldura dura de gesso. A partir daí, a carreira engrenou. Em 82, Guto foi convidado para a primeira exposição individual. Em 87, o reconhecimento internacional: ele foi expor no Museu de Arte Moderna de Paris (acompanhado pelos 26 aspiradores de pó da instalação Eletro - Esfero-Espaço). Detalhe: era a primeira vez que punha os pés fora do Brasil. "A minha geração inteira foi passar um ano em Londres fumando maconha. Enquanto eu estava quietinho aqui no Brasil. Para mim é um esforço grande viajar. Eu não sei falar inglês."

A repercussão no meio artístico parisiense? "Achei que ia abafar, mas não aconteceu nada." O problema, talvez, foi ter ido parar justamente na terra de Marcel Duchamp, um artista que os críticos gostam de associar a ele. No começo do século, Duchamp escandalizou o mundo das artes ao produzir "obras" como uma roda de bicicleta fincada sobre um banquinho e um bigode pintado numa reprodução da Mona Lisa. A comparação entre Lacaz e o irreverente francês, no entanto, é apenas parcial. Neste fim de século, Guto não escandaliza, faz rir. E, no seu universo mental, todas as Monas Lisas já nascem de bigode, e banquinhos são óbvios pedestais para rodas de bicicleta.

Quanto ao estilo "quanto mais idiota melhor", nada mais proposital. Exemplo: alguns anos atrás, quando se apresentava no TV MIX (ex-programa do ídolo teen de hoje, Serginho Groissman, na TV Gazeta de São Paulo), resolveu ensinar o telespectador a abrir um guarda-chuva usando uma máquina de escrever. Depois, soube que o pai de um amigo perguntou: "Aquele Guto Lacaz é meio idiota, não é?". Ele adorou.

A fama, no entanto, ainda não trouxe fortuna. Guto vive mesmo de seu (excelente) trabalho como artista gráfico. "Minhas exposições lotam mas eu sou difícil de vender. As pessoas acham engraça do um abajur feito de papel higiênico e filtro de café descartável, mas não estão dispostas a desembolsar 300 dólares por uma peça dessas."

Não, Guto, por favor não fique triste. Falemos da nova paixão: aeromodelismo. Guto tem aulas semanais para aprender a pilotar um helicóptero em miniatura.

- Guto, o Bolinha (personagem de histórias em quadrinhos) continua sendo o seu ídolo?

- Sim, claro. (Ele vai correndo buscar um gibi em sua esdrúxula biblioteca.)

Começo a folhear e cometo a besteira de dizer que ele se parece muito com o pai do Bolinha.

- Não, o pai não! Eu quero ser o Bolinha - se revolta, arrancando o gibi da minha mão.

Ih, fechou o tempo.

Realização Carla Danesi